POÉTICAS COLABORATIVAS EM AMBIENTES TELEMÁTICOS[i]

Carlos Augusto Moreira da Nóbrega / Universidade Federal do Rio de Janeiro
Cleomar de Sousa Rocha / Universidade Federal de Goiás
Maria Luiza Fragoso / Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO
O artigo discute aspectos da estética da conectividade e as poéticas voltadas para a redes telemáticas, considerando o processo, o ambiente de produção poética e sua visibilidade enquanto elementos do pensamento e da ação artística. Propõe a discussão da construção de poéticas da arte tecnológica, tida nos ambientes e nas práticas colaborativas nos ambientes telemáticos, seja entre artistas, seja entre estes e cientistas, técnicos e interatores.

PALAVRAS-CHAVE
poéticas tecnológicas; colaboração; mídias interativas; ambientes telemáticos.

ABSTRACT
The article discusses aspects of aesthetic connectivity and poetics related to telematic networks, considering the process, the environment's poetic production and its visibility as elements of thought and artistic action. Proposes a discussion on the construction of thought and technological artistic actions and collaborative practices within telematic environments, either among artists, artists and scientists, or technicians and interactors.

KEYWORDS
technological poetics; collaboration; interactive medias; telematic environments.

Introdução

O artista gênio, isolado do mundo em seu ateliê, no pleno exercício da criação. Esta imagem, criada no romantismo e consolidada no simbolismo, encontra no passado e no futuro sua negação enquanto fato. Se nas guildas os artistas mantinham uma equipe de trabalho, é sabido também que os conceitos e discussões percorriam bares e salões desde o século XIX, reunindo não apenas artistas plásticos, mas também literatos, filósofos, músicos, etc. A história ainda registra conversações definitivas para o avanço do pensamento e produção poéticas, como as cartas trocadas entre Oiticica e Clark ou entre Paul Cézanne e Pablo Picasso.

Este desejo de colaboração se intensifica em trabalhos de base complexa, como os nascidos das relações com as várias ciências, inclusive da computação. Exemplos como os de Giorgio Moscati e Waldemar Cordeiro se intensificam, tornando a colaboração praticamente regra de produção em arte. Em um outro movimento, as redes telemáticas criam uma dinâmica de simultaneidade nas relações comunicacionais, resultando em uma indefectível expressão viralizada em "tempo real", como se houvesse alguma possibilidade de realizar algo em outro tempo. Sinônimo ruim de simultâneo, instantâneo e imediato, o termo tenta amplificar a característica temporal de um meio que se reconhece como espaço. O ciberespaço é um ambiente de encontros, trocas, colaborações, com o imediatismo que o faz parecer vencer distâncias, quando em verdade ele convive com elas.

É neste ambiente, o telemático, que a base da comunicação e do trabalho colaborativo mais se evidencia e se destaca. Destacamos este ambiente enquanto base sólida sobre a qual se edificam trabalhos que traduzem em sensível o ardor que envolve mais de uma mente e várias mãos. Mais que troca de informações em rede, o que se discute são as veias sensíveis dos corpos sincréticos complexos que fazem pulsar arte nos espaços telemáticos, de modo colaborativo. Esta é hoje uma das frentes de investigação que mais tem mobilizado grupos de pesquisa, dentro e fora das universidades. São processos em rede, distribuídos e interconectados em escalas que abrangem tanto o local quanto o global.

Potencial já apontado por Roy Ascott (1900), pioneiro da arte telemática, as redes de base tecnlógica refletem modelos de fluxos inerentemente orgânicos (ASCOTT,

2003) cujos comportamentos são fontes de inspiração para criação, desenvolvimento e implementação de novas possibilidades conectivas. Tais modelos orgânicos integrativos têm constituído a base conceitual das investiagações desenvolvidas no âmbito no NANO - Núcleo de Artes e Novos Organismos - UFRJ, cuja prática se articula nas experimentações com hibridação entre organismos naturais (atualmente plantas e abelhas) e artificiais (sistemas telemáticos) e também do Media Lab / UFG, que integra algumas redes de trabalho colaborativo, além de se posicionar como espaço multiusuário e de formação multidisciplinar. Para divulgar e compartilhar experiências com artistas e pesquisadores interessados nos processos colaborativos telemáticos, o NANO criou estratégias metodológicas para estimular a prática da pesquisa e produção artística nesse campo e investir em novas parcerias que surgem a cada momento. Dentre as estratégias esta a produção do evento Hiperorgânicos, que em 2015 chega a sua sexta edição, sobre o qual faremos breve descrição mais a frente. Dentre as parcerias que estão hoje em processo de colaboração está a REDE LATI – Laboratórios de Arte, Tecnologia e Inovação –, criada em 2013 pelo Ministério da Cultura e Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – RNP, e composta por laboratórios do Pará, Ceará, Bahia, Goiás, Rio Grande do Sul e que participaram da edição de 2014 do Hiperorgânicos 5.

Compreender as estruturas que compõem os processos artísticos que se desenvolvem a partir dos sistemas de fluxos e campos experimentais via redes não é simples. As redes em si se reorganizam constantemente, formam movimentos que se desdobram por infinitos percursos onde novas redes se compõem. Mas apesar dessa versatilidade e variedade de processos, alguns elementos que são caros aos artistas, merecem alguma atenção e análise, e consequentemente podem nos auxiliar a pensar em rede.

Espaço

Durante duas décadas, o suporte da produção artística nos espaços do ambiente telemático, ou a portabilidade das mesmas, foi compreendido como sendo o ciberespaço, que, em si, reúne os aspectos físicos e potenciais (virtuais) de cada criação. Nesse contexto, o suporte físico é aquele que envolve toda a maquinaria necessária para se ter acesso à uma rede. É importante incluir neste aspecto desde a

fiação específica, até o tipo de processador e placa-mãe do computador, o servidor hospedeiro da obra, dentre outros elementos. A dependência intercruzada de todos estes elementos nos impedia de definir, como suporte, um determinado monitor, ou um sistema hospedeiro computacional específico. Cada indivíduo pode configurar um sistema personalizado para acessar e receber a obra de uma maneira sutilmente ou exageradamente diferenciada, em uma perspectiva de mídia pós-massiva. A obra artística no ambiente telemático sempre foi principalmente comunicação, não como fim, mas como processo.

Segundo Kristine Stiles, artista e pesquisadora,

> [...] a cibernética e seus agentes marcaram a transição entre a pesquisa cinética do modernismo e os conceitos de interatividade que surgiram com o desenvolvimento dos espaços telemáticos gerados por computadores, ambientes virtuais e o próprio ciberespaço. A cibernética data no inicio dos aos 40, e foi nomeada assim a partir do título do livro Cibernetics, or Control and Communication in the Animal and the Machine, escrito pelo matemático Norbert Weiner, em 1948, que já refletia a definição de cibernética. A cibernética é uma teoria transdisciplinar da comunicação/informação, que cria um elo de ligação entre os princípios e as estruturas de todos os campos de conhecimento, um mecanismo para juntar "feedback", e uma ferramenta para dar um caráter de sistemas integrados à informação. [...] ciborgues e ciberespaço são entidades híbridas cibernéticas, que representam o intercâmbio pós-industrial entre o humano orgânico e as formas digitais ciberfísicas, reconfiguradas por meio de sistemas de aplicativos computacionais. (STILES,1996, p. 384)

Pierre Lévy, filósofo contemporâneo, em seu livro *A Inteligência Coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço* (LÉVY,1998), chamou de "espaços antropológicos" estruturantes, mundos vivos onde o ser humano se desenvolveu e continua se desenvolvendo nas mais diversas direções. Lévy concorda com Lyotard (1989) quando este nos diz que o saber não é apenas o saber científico, e acrescenta que o saber é aquele que qualifica a espécie: homo sapiens.

> [...] O saber, no sentido em que o entendemos aqui, é um savoir-vivre ou um vivre-savoir, um saber co-extensivo à vida. Tem a ver com um espaço cosmopolita e sem fronteiras de relações e de qualidades; um espaço da metarmorforse das relações e do surgimento das maneiras de ser; um espaço em que se unem os processos de subjetivação individuais e coletivos. (LÉVY,1998, p. 121)

O mapeamento do ciberespaço foi realizado, durante décadas, pela identificação de grupos semânticos, ou grupo de interesses e saberes comuns. Esse mapeamento vem se tornando cada vez mais difícil devido às trocas constantes, a integração de assuntos e a interligação dos mesmos entre aqueles que estão criando nas redes e os processos em rede que ocorrem nos nossos espaços cotidianos. São vários os canais na rede que permitem a conexão de dados criando espaços semióticos de diversas naturezas. As redes sociais cumprem bem essa função de reunir interesses, consequentemente constituindo redes dentre de redes. Quando se uma pessoa se imagina navegando na internet, é possível que seja uma viagem em círculos.

Agora, se tomarmos como referência a noção de espaço físico para provocar uma associação desse com o espaço em rede, por exemplo de uma área ou tamanho de um terreno percorrido ou a percorrer, no caso de um processo artístico criado no espaço telemático, essa "área" está diretamente relacionada com grau de abrangência do processo na rede. Quanto mais fechado em si mesmo, menor a área, quanto mais aberto para a rede, maior a área. A área de abrangência de cada trabalho é potencialmente do tamanho da rede, ou seja, infinita. Este grau de abertura esteve durante décadas baseado na quantidade de conexões possíveis a partir de uma instância, uma página, ou um servidor on-line. Outras característica presentes no grau de abrangência de processos artísticos no ambiente telemático é sua capacidade de “contaminação” e de formação de “resíduos”. A “contaminação” entendida como influência sobre um outro processo, comportamento, que influencia em novas conexões ou redes não fazem do processo em si. Podem ser elos, associações, paralelismos ou antagonismos, sobreposições e principalmente integrações que possam existir numa sub-rede que surge em função da obra/processo. O grau de contaminação também está relacionado com a abertura/acesso aos processos de acordo os objetivos dos seus criadores. Os "resíduos" são os subprodutos acrescidos a rede pelos usuários. Podem ser compreendidos também como resultados ou consequências da ação comunicativa e da conexão entre agentes participantes colaboradores, dentro ou fora da rede.

A integração dos espaços físicos com os processos em rede foi intensificada nos últimos dez anos em decorrência do surgimento de hardware de baixo custo, lingua-

gens de programação adaptadas a aplicativos de livre acesso e do desenvolvimento nano tecnológico, além da grande contribuição do desenvolvimento das interfaces, mais intuitivas. Hoje está se produzindo para a *Internet das Coisas* (IoT). A grande maioria das conexões em rede acontecem entre máquinas, sem a interferência de humanos.

Ambientes telemáticos colaborativos

O ciberespaço é, em suma, um segmento da semiosfera, completamente formado por informação – um espaço informacional, em uma atualização de concepção. Ao se inscrever como tal, o ciberespaço se organiza como base da linguagem, das várias linguagens naturais e computacionais. Essencialmente, é um ambiente por onde perambulam informações e dados, configurando em suas trocas a comunicação. Nesta abordagem de pensamento, a essência do ciberespaço é a troca, que pode se dar de modo massivo quanto pós-massivo, neste último configurando um diálogo, uma discussão, a produção conjunta e colaborativa de pensamentos, trabalhos de arte, de ciência, enfim, um lugar de encontros sígnicos.

A incrustação da arte nestes ambientes se deu desde o princípio, como base para o pensamento complexo das poéticas, e suas trocas se intensificaram sobremaneira. Desde discussões até a produção de trabalhos artísticos, os espaços telemáticos indicaram aos artistas a possibilidade não apenas de mostrar ali seus feitos poéticos, mas de poetizar neste e este ambiente, em entrecruzamentos sensíveis que tornam o código úmido (ASCOTT, 2003).

Os trabalhos com o desenvolvimento em redes telemáticas incorporam esta perspectiva de colaboração e conectividade, tratando estas características como *modus operandi* e também enquanto elementos poéticos a comporem os trabalhos ali desenvolvidos.

Em outra vertente, a recepção ou acesso a estes trabalhos indicam, necessariamente, o estar conectado, por vezes com mais de uma pessoa, como ocorre em jogos on-line. A perspectiva de conexão é base para a experiência de agência e interatividade, sem a qual a experiência construída poeticamente não se instaurará esteticamente em sua potência maior. Há de se considerar que alguns trabalhos reivindicam

uma conectividade a partir de alguns meios, com lexias ambientadas em vários pontos da Internet, e mesmo com outros sistemas e pessoas, concebendo a estética da conectividade como perspectiva ou medida para a experiência estética.

Assim, a ambiência das redes telemáticas em arte estão articuladas em, no mínimo, dois âmbitos: o poético e o estético. O primeiro na construção coletiva de um pensamento e ação de construção e desenvolvimento de trabalhos em arte e o segundo pautado em sua recepção, como condição formativa de um programa de gosto (PAREYSON, 1993) contemporâneo.

No âmbito poético, as inter-relações entre artistas e cientistas, nas concepções e desenvolvimento dos trabalhos, se dá de modo transdisciplinar, cabendo a um e outro tanto a perscrutação de meios técnicos quando de estratégias de produção de encantamentos, tangendo o lastro sensível. Esta lógica quebra a concepção disciplinar de responsabilidades ou tarefas, em uma prática genuinamente colaborativa e compartilhada.

De outro modo, nas perspectivas da estética, a execução do trabalho se dá por acionamentos diversos, cabendo ao interator e a outros sistemas dialogarem em um processo que vai além da interpretação, aliando-se a esta a agência (MURRAY, 2003).

Na experiência contemporânea com as redes telemáticas, a internet das coisas e a teoria ator-rede (LEMOS, 2014) indicam ações conjuntas, configurando um novo estado de conexão, mais intenso e imerso, sem necessariamente ter de entrar na Internet, pelo fato de estarmos imersos nela e ela na cultura contemporânea, de modo indelével. Ações de usuários se confundem com ações de outros sistemas, compondo um jogo de interconexões que se faz possível pela inscrição em um único código, o digital, que uniformiza os protocolos de comunicação das várias áreas, técnicas, científicas e artísticas, em um caldo informacional que de mar passa a ser nuvem.

Ressonâncias cibernéticas

Como exemplo do trabalho desenvolvido pelo NANO em parceria com redes e laboratórios de arte e tecnologia citamos o evento Hiperogânicos edições 2013 e 2014. Apostou-se nessa forma experimental, demonstrativa e dialógica para abordar ques-

tões sobre arte, processos compartilhados e conectividade. O evento tem caráter artístico/investigativo/acadêmico e é composto de dois momentos que incorporam: um Laboratório Aberto (OpenLab) e um seminário com palestras de pesquisadores convidados. Ambas atividades de caráter telemático são realizadas de forma presencial e remota através de videoconferência e servidor de dados. O tripé conceitual que dá suporte ao evento é estruturado sobre os eixos investigativos: arte, hibridação e bio-telemática. Os conceitos que articulam esse tripé são motivados pela necessidade de se pensar a arte em seu entrecruzamento com a ciência e as tecnologias da informação/comunicação, em especial naquilo que concerne novas possibilidades de conectividade entre organismos naturais e artificiais (questão inerente as inter-relações homem-máquina) e o potencial telemático dessas possíveis interconexões, suportado pelas redes de comunicação contemporâneas.

Hiperorgânicos 4 – Ressonâncias, 2013
Fonte: NANO, divulgação

O tema central da edição de 2013 foi “Ressonâncias”, e nasceu das motivações a se pensar tal conceito como catalisador dos diversos processos desenvolvidos pelos seus integrantes em suas respectivas pesquisas. A proposta temática das inter-relações entre artes visuais, musicais, tecnologia, ciência e natureza, que compuseram o cenário de eventos produzidos pelos artistas, professores, estudantes, inves-

tigadores, cientistas e o público que se reuniram durante 5 dias entre simpósio e laboratório aberto. Participaram docentes e pesquisadores de diversas unidades acadêmicas e programas de pós-graduação, tais como COPPE, Escola de Belas Artes, Escola de Comunicação, Escola de Música, Escola Politécnica e Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. A edição de 2014 ocorreu paralelamente ao CAC.4 Congresso internacional de Arte Computacional (setembro 2014) e teve como tema central o conceito "Abrigos Sensíveis". Esse tema surgiu da parceria com o laboratório LAMO da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ. Essa temática buscou desenvolver o conceito de abrigo no contexto telemático das tecnologias da informação e a arte. Buscou-se experimentar poéticas e processos de imersão em ambientes interconectados à distancia. Uma das premissas do laboratório foi permitir aos seus participantes explorarem através de processos individuais uma sensibilidade coletiva amparada pelas redes e pelas instalações e seu entorno. Consideramos os espaços criados para os laboratórios abertos do Hiperorgânicos como portais de acesso aos ambientes telemáticos.

Guto Nóbrega

Telebiosfera, 2014
Fonte: NANO, divulgação

Conclusão

A base da linguagem digital (0011) cria uma condição específica ao uniformizar a matéria sígnica e eliminar variações de seu suporte. Ainda, em sua configuração discreta, descontínua, permite níveis de articulação que outros suportes não permitiam. Esta uniformização alinha espaços de contatos, estabelecendo um ambiente propício para que humanos de várias formações e mesmo máquinas se comuniquem. Os protocolos criados se organizam em interfaces que traduzem sinais de um modo a outro, sem a necessidade de alterar o código base, que mantem-se digital, discreto, descontínuo.

Esta característica não apenas permite, como também indica, a construção de relações de modo transdisciplinar, incluindo ações colaborativas entre humanos e não humanos, e entre estes e as máquinas.

Funda-se aí, nas gotículas translúcidas das nuvens, o arcabouço para memoráveis voos poéticos e estéticos nos ambientes digitais, refletindo, tal qual a própria noção de nuvem, uma composição colaborativa e uníssona do fazer poético em ambientes telemáticos.

Notas

[1] Agradecimentos ao CNPq, CAPES, FAPEG e FAPERJ pelo apoio à pesquisa.

Referências

ASCOTT, R. Roy Ascott. *Telematic embrace*: visionary theories of art, technology, and consciousness. Edited and with an essay by Edward A. Shanken. Berkeley, Calif. London: University of California Press. 2003.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas*: Teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2014.

LEVY, Pierre. *A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MURRAY, Janet. *Hamlet no Holodeck*: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

PAREYSON, Luigi. *Estética: Teoria da Formatividade*. 3a. Ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

STILES, Kristine e Peter Selz. *Theories and Documents of Contemporary Art.* California: California University Press, 1996. p. 384.

Carlos (Guto) Nóbrega
Doutor em Interactive Arts pela University of Plymouth, UK (2009). É artista, pesquisador, Mestre em Comunicação, Tecnologia e Estética pela ECO-UFRJ (2003) e Bacharel em gravura pela EBA-UFRJ (1998) onde leciona desde 1995. Coordena o NANO – Núcleo de Arte e Novos Organismos e o PPG em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ.

Cleomar de Sousa Rocha
Graduado em Letras pela Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iporá (1991), mestrado em Arte e Tecnologia da Imagem, UnB (1997), doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA (2004), pós-doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP (2009), pós-doutorado em Estudos Culturais pela UFRJ (2011) e é pós-doutorando em Poéticas Interdisciplinares (UFRJ). É professor da UFG, onde coordena o Media Lab.

Maria Luiza (Malu) Fragoso
Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Desenho, pela UnB (1984), mestre em Fine Arts, pela George Washington University (1993), doutora em Multimeios pela UNICAMP (2003), e Pós-Doutora em Artes Visuais pela USP (2014). Coordenadora do NANO – Núcleo de Arte e Novos Organismos e é professora permanente do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes da UFRJ.